

RELAÇÕES EXTERIORES

Chanceleres de Guiana e Venezuela vêm a Brasília

Representantes discutem, amanhã, a crise deflagrada pela ameaça a Essequibo

» VINICIUS DORIA

Os ministros das Relações Exteriores da Venezuela, Yvan Gil, e da Guiana, Hugh Hilton Todd, devem se encontrar, amanhã de manhã, em Brasília, para mais uma rodada de negociações sobre a disputa do território de Essequibo pelos dois países. Os anfitriões do encontro, no Itamaraty, serão o chanceler brasileiro, Mauro Vieira, e o assessor especial do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para assuntos internacionais, Celso Amorim.

A reunião dos chanceleres foi acordada, em dezembro do ano passado, pelos presidentes dos dois países divergentes, em reunião em São Vicente e Granadinas, país insular do Caribe que ocupa a presidência pro tempore da Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac).

Na ocasião, Venezuela e Guiana formalizaram a Celso Amorim o convite para que o Brasil atue como facilitador das negociações. A intenção da Venezuela de tomar para si o Essequibo, que corresponde a cerca de dois terços do território da Guiana, acirrou a tensão na fronteira entre os dois países e obrigou o Brasil a mobilizar reforço das Forças Armadas na sua própria área de fronteira com os dois vizinhos.

Na reunião de dezembro entre os presidentes da Venezuela, Nicolás Maduro, e da Guiana, Irfan Ali, em São Vicente e Granadinas, ficou acordado que o diálogo entre os países seria permanente e periódico, e que a próxima rodada de negociações ocorreria no Brasil, em até 90 dias. Não foi preciso esperar tanto. Ontem, as duas chancelarias confirmaram o encontro, que também contará com representantes de São Vicente e Granadinas e de Dominica, que preside a Comunidade do Caribe (Caricom) — interlocutores principais no processo de negociação.

Não há, ainda, propostas para serem apresentadas, segundo apurou o **Correio**. O momento, para os observadores brasileiros, ainda é de ouvir as duas partes e trabalhar para que as soluções sejam dadas pela diplomacia, sem ameaças ou bravatas. O Brasil é visto pelos dois países

Márcio Batista/MRE



O ministro Mauro Vieira será anfitrião do encontro: Brasil agirá como uma espécie de facilitador ante a crise

como um facilitador do diálogo e, por isso, deve promover, também em Brasília, o segundo encontro presencial de Maduro com Ali para tratar da questão do Essequibo. Essa reunião de alto nível ainda não tem data para ocorrer.

Petróleo amazônico

A disputa histórica entre os dois países tomou proporções preocupantes no fim do ano passado, quando Maduro iniciou uma campanha pública pela anexação do território de Essequibo. No primeiro dia de dezembro, a Corte Internacional de Justiça, em Haia (Holanda), decidiu que a Venezuela não pode anexar o Essequibo enquanto a questão não for resolvida. Foi um recado direto a Maduro, que estava em plena campanha pelo “sim” à anexação, no plebiscito que havia sido convocado para o dia 3 — a tese do governo venezuelano foi amplamente vitoriosa (95% dos votos). Maduro, porém, não reconhece a competência da Corte das Nações Unidas nesse julgamento.

Paralelamente, os dois países anunciaram movimentação de tropas militares, como um exercício conjunto das forças aéreas

da Guiana e dos Estados Unidos. Seis dias depois, o Conselho de Segurança das Nações Unidas se reuniu em caráter de urgência, em Nova York, a pedido do governo Ali, para avaliar a crise. Menos de duas semanas depois, os dois presidentes se encontraram no Caribe e aliviaram a tensão.

A disputa entre Venezuela e Guiana pelo Essequibo tem mais de 100 anos. Mas essa região amazônica só entrou no radar dos governantes em 2015, quando a petrolífera Exxon Mobil anunciou a descoberta de grandes volumes de petróleo no subsolo do mar do Caribe, que já estão sendo explorados pela Guiana. Maduro, que também quer um pedaço desse petróleo, disse, após a vitória no plebiscito, que “a Guiana e a Exxon terão de sentar conosco, cara a cara, o mais cedo possível”.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, preocupado com a escalada da crise, determinou reforço militar na tríplice fronteira norte (Brasil, Venezuela e Guiana), em Roraima, e mobilizou a diplomacia para coordenar uma posição conjunta dos países da América do Sul por uma saída negociada e contra qualquer tipo de violação territorial.

Apoio a Estado palestino

O Itamaraty reafirmou, ontem, a posição brasileira pela solução de dois Estados — Israel e Palestina — para a crise no Oriente Médio. Em nota, a chancelaria declarou que “a interrupção do atual ciclo de hostilidades no Oriente Médio passa, necessariamente, pela adoção imediata de um acordo de cessar-fogo na Faixa de Gaza e pela retomada de negociações concretas entre Israel e Palestina, com vistas a alcançar solução de dois Estados, com um Estado Palestino economicamente viável, convivendo lado a lado com Israel, em paz e segurança”.

Na nota, o governo “defende o respeito à soberania e à integridade territorial dos países afetados” e apela “às partes envolvidas nessas ações a exercerem o máximo de contenção, de modo a evitar a disseminação de focos de hostilidades na região”.

Para o Itamaraty, “ataques militares, inclusive com o uso de mísseis, têm ocorrido com preocupante frequência, contra alvos em diversos países da região, entre os quais Líbano, Israel e, mais recentemente, Síria, com danos materiais a áreas residenciais em Damasco”. (VD)

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Pacífico

Novo cenário frustra a política externa de Lula

“De quanto pode a fortuna nas coisas humanas e de que modo se lhe deva resistir” (*Quantum fortuna in rebus humanis possit, et quomodo illis sit occurrendum*) é um capítulo de *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel, que trata das virtudes e da fortuna dos governantes. Tem mais a ver com as contingências do que com o acaso ou a sorte propriamente. “Muitos têm tido e têm a opinião de que as coisas do mundo sejam governadas pela fortuna e por Deus (...) Essa opinião se tornou mais aceita nos nossos tempos pela grande modificação das coisas que foi vista e que se observa todos os dias, independentemente de qualquer conjectura humana”, disse Maquiavel.

“Contudo, para que o nosso livre arbítrio não seja extinto, julgo poder ser verdade que a sorte seja o árbitro da metade das nossas ações, mas que ainda nos deixe governar a outra metade, ou quase”, concluiu. A reeleitura de Maquiavel nos faz refletir sobre as mudanças que ocorreram na política mundial desde a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que assumiu o poder com a memória de quem foi considerado “o cara” por Barack Obama e amplo apoio internacional, sobretudo depois do 8 de janeiro, quando se completou o diagnóstico das principais chancelarias do Ocidente de que o ex-presidente Jair Bolsonaro seria mesmo uma ameaça à democracia.

Desde então, Lula tentou ser um mediador da paz na Ucrânia, num flerte com Vladimir Putin, que o desgastou com os Estados Unidos e a União Europeia, sem sucesso. Depois da bem-sucedida operação para resgatar os brasileiros que estavam em Israel e na Faixa de Gaza e do excepcional desempenho do Brasil na presidência do Conselho de Segurança da ONU, em que conseguiu aprovar por ampla maioria uma proposta de trégua humanitária, vetada pela Casa Branca, deu um drible a mais ao apoiar a proposta sul-africana de condenação do Estado de Israel por genocídio. É uma posição assimétrica em relação ao tratamento dado ao Hamas, que o Brasil não considera uma organização terrorista, embora condene o ataque terrorista e os sequestros de israelense de 7 de outubro.

É compreensível a indignação de Lula com o massacre de palestinos pelas forças armadas de Israel, em Gaza, por ordem de Benjamin Netanyahu, mas diplomacia se faz de forma pragmática, com um olho no presente e o outro no futuro. De certa forma, o presidente brasileiro vive um dilema na escolha entre a audácia e a prudência ante a mudança de conjuntura mundial. Duas guerras impactaram a política, a economia global e até o peso relativo do combate ao aquecimento global nas prioridades das grandes potências mundiais. O esvaziamento da COP28, realizada em Dubai, e do último Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça, reflete as novas contingências.

Entretanto, o maior empecilho ao protagonismo global de Lula veio de onde menos se esperava: a América do Sul. Nesse sentido, a reunião dos ministros das Relações Exteriores da Guiana e da Venezuela, amanhã, no Itamaraty, em Brasília, cresce de importância. Intermediado pelo chanceler brasileiro Mauro Vieira, ocorre em meio à disputa pela região de Essequibo. A Venezuela afirma ser a verdadeira proprietária da área, de 160 quilômetros quadrados, cerca de 70% de toda a Guiana, que abarcam seis dos 10 estados do país. Rica em recursos naturais, um referendo convocado por Nicolás Maduro reacendeu a disputa territorial.

O PRESIDENTE BRASILEIRO VIVE UM DILEMA NA ESCOLHA ENTRE A AUDÁCIA E A PRUDÊNCIA ANTE A MUDANÇA DE CONJUNTURA MUNDIAL. DUAS GUERRAS IMPACTARAM A POLÍTICA E A ECONOMIA GLOBAL

Lula oferece ajuda ao Equador

» INGRID SOARES

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o presidente do Equador, Daniel Noboa, conversaram, ontem, sobre o enfrentamento ao narcotráfico e ao crime organizado naquele país.

“Lula se solidarizou com o presidente Noboa e indicou a disposição do Brasil em ajudar o Equador, inclusive por meio de ações de cooperação em inteligência e segurança”, diz a nota do Palácio do Planalto. “Ressaltou que a luta contra o crime organizado é também um desafio do Brasil, nos vários níveis de governo, agravado pela porosidade e extensão das fronteiras terrestres e marítima do país.”

A conversa por telefone ocorreu ontem, no Palácio do Alvorada. Lula estava ao lado do ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira. O petista recordou que o Brasil ocupa hoje a Secretaria-Geral da **Ameripol**.

Ainda segundo o Planalto, “ambos concordaram que os países sul-americanos devem estar unidos no combate ao crime organizado, que atinge a todos, e que o fortalecimento da integração regional é condição fundamental para a superação do problema”. “Ressaltaram, também, a necessidade de coordenação com países

Ricardo Stuckert / PR



Lula disse que a luta contra facções é desafio também do Brasil

Polícia Federal

A Ameripol é uma organização regional que reúne 30 países e se dedica à cooperação e ao intercâmbio de informações policiais. A Secretaria Executiva do órgão é ocupada pelo diretor-geral da Polícia Federal, Andrei Rodrigues, que tem trabalhado em ações de coordenação regional.

consumidores de drogas para o combate efetivo ao narcotráfico”, acrescenta a nota.

Na segunda-feira, Noboa garantiu que “há mais tranquilidade” no país depois de ordenar o estado de exceção e aumentar a presença militar e policial contra os traficantes de drogas, que lançaram ataque no início de janeiro.

A onda de violência que assola o Equador foi causada pela fuga da prisão de Adolfo Macías (conhecido como “Fitó”), líder da principal quadrilha criminosa do

» Pedido de famílias brasileiras

O Itamaraty analisa pedidos de três famílias de brasileiros, totalizando 11 pessoas, para sair do Equador, que enfrenta uma onda sem precedentes de violência, comandada pelo narcotráfico. Um dos pedidos partiu de Thiago Allan de Freitas, que era feito refém e foi libertado pela polícia. Ele requisitou à embaixada do Brasil em Quito a repatriação de seus três filhos, todos menores. Thiago informou, no entanto, que continuará no Equador, onde mantém um comércio de churrasco. O Itamaraty pediu alguns dias para se posicionar.

país, Los Choneros.

Fito é suspeito de ter tramado o assassinato do candidato à Presidência do Equador Fernando Villavicencio, em agosto passado. Outro criminoso, Fabricio Colón Pico, um dos líderes de Los Lobos, também escapou da prisão.

Apesar de não fazer fronteira com o Brasil, o Equador também é um país amazônico, e as facções criminosas usam a floresta para transportar armas e drogas, além de financiarem a exploração ilegal de ouro em toda a região.